

MONI QUE WITTIG

TRADUÇÃO
EUGÉNIA
ANTUNES

TRADUÇÃO EUGÉNIA ANTUNES

PREFÁCIO
LOUISE
TURCOTTE

ART

PENSAMENTO STRAIGHT

WIT

E OUTROS ENSAIOS

PREFÁCIO

LOUISE TURCOTTE

ESTE LIVRO BENEFICIOU DE UM APOIO DO PRR, NO ÂMBITO DA MEDIDA DE INTERNACIONALIZAÇÃO, MODERNIZAÇÃO E TRANSIÇÃO DIGITAL DO LIVRO E DOS AUTORES.



REPÚBLICA
PORTUGUESA



Financiado pela
União Europeia
NextGenerationEU

TÍTULO ORIGINAL

The Straight Mind and Other Essays

AUTORA

Monique Wittig

PREFÁCIO

Louise Turcotte

TRADUÇÃO

Eugénia Antunes

REVISÃO

Guilherme Pires | oficinacaixaalta.pt

CONCEPÇÃO GRÁFICA

Rui Silva

PAGINAÇÃO

Rita Lynce

IMPRESSÃO

Lidergraf – Artes Gráficas

COPYRIGHT

© 1992 Monique Wittig

Publicada por acordo com Beacon Press
através da International Editors' Co.

© 2025 Orfeu Negro

1.ª EDIÇÃO

Lisboa, Novembro 2025

DL 551940/25

ISBN 978-989-9225-30-5

ORFEU NEGRO

Rua Silva Carvalho, n.º 152 – 2.º

1250-257 Lisboa | Portugal

www.orfeunegro.org

Índice

Mudar de perspectiva	7
Prefácio de Louise Turcotte	
Introdução	15
A Categoria de Sexo	23
Ninguém Nasce Mulher	37
O Pensamento <i>Straight</i>	57
Do Contrato Social	75
Homo Sum	95
O Ponto de Vista: Universal ou Particular?	113

O Cavalo de Tróia	127
A Marca de Género	141
O Lugar da Acção	161
Agradecimentos	177
Notas	179
Bibliografia	187

Prefácio

MUDAR DE PERSPECTIVA

Se há um nome associado ao Movimento de Libertação das Mulheres, é sem dúvida o de Monique Wittig. A reputação deve-se em grande medida à sua obra literária, traduzida em várias línguas. Mas se Monique Wittig é uma escritora marcante da segunda metade do século XX, os seus textos teóricos revelam-na também como uma das grandes pensadoras do nosso tempo.

É impossível limitar a influência de Wittig a um só domínio, seja a literatura, a política ou a teoria, pois a sua obra é transversal às três áreas, e é precisamente esta multidimensionalidade que torna o seu trabalho tão importante.

Muito se escreveu acerca da sua obra literária, contudo pouco foi dito sobre os escritos teóricos e políticos. Este será um testemunho político, sobretudo, uma vez que tive a sorte de conhecer Monique Wittig pessoalmente no início da década de 70. Embora seja possível atestar a influência imediata do pensamento de Wittig, resulta bem mais difícil

anticipar a sua influência a longo prazo, sobretudo na história da luta pela libertação das mulheres. Os seus ensaios põem em dúvida algumas das premissas básicas da teoria feminista contemporânea. O que está aqui em jogo é uma revolução conceptual total.

Em 1978, na conferência anual da Associação de Línguas Modernas em Nova Iorque, quando Monique Wittig concluiu a sua apresentação de «O Pensamento *Straight*» com a declaração «as lésbicas não são mulheres», a recepção calorosa que obteve foi precedida por um momento de estupefacção e silêncio. Dois anos mais tarde, quando esse ensaio foi publicado na revista francesa *Questions Féministes*, esse silêncio e estupefacção tinham sido transformados, por algumas das feministas mais radicais, em pressão política; fora incluída uma nota para «suavizar» a conclusão. O chocante ponto de vista de Wittig era inimaginável à época. Na verdade, uma página da história do Movimento de Libertação das Mulheres tinha sido virada, e logo por uma das suas principais promotoras em França. Que página era essa, ao certo? Por que motivo já não era possível ver o Movimento de Libertação das Mulheres da mesma maneira? Precisamente porque a perspectiva mudara.

Desde o início do século, todas as lutas, desde a defesa dos «direitos da mulher» a uma análise feminista da «opressão da mulher», tiveram como base «o ponto de vista das mulheres». Era evidente, estava subentendido. Esta análise

foi aperfeiçoada com o passar dos anos e emergiram tendências diferentes, como acontece em todos os movimentos de libertação, mas esse consenso básico nunca foi questionado. Parecia, em todo o caso, incontestável. E eis que a afirmação «as lésbicas não são mulheres» vem abalar todo um movimento, tanto política como teoricamente.

Sustentada nos mais recentes conceitos do feminismo materialista e radical, entre eles a ideia de «classes de sexo», a declaração de Wittig punha em causa um ponto fundamental que o feminismo jamais contestara: a heterossexualidade. Já não concebida como sexualidade, mas como um regime político. Até então, o feminismo considerara o «patriarcado» um sistema ideológico baseado no domínio dos homens sobre as mulheres. No entanto, as categorias de «homem» e «mulher» não tinham sido questionadas. É aqui que «a existência das lésbicas» assume o seu significado, pois se estas duas categorias não podem existir uma sem a outra, e as lésbicas só existem pelas e para as «mulheres», então tem de haver uma falha neste sistema conceptual.

No início da década de 80, muitas lésbicas em França e no Quebeque começaram a chamar «lesbianismo radical» a este ponto de vista e reviram totalmente a sua estratégia. As lésbicas radicais chegaram agora a um consenso básico que encara a heterossexualidade como um regime político que tem de ser derrubado, e nós todas nos inspiramos nos escritos de Monique Wittig. Para nós, a sua obra

constitui um ponto de partida para a análise e a ação. Toda a história viria a ser reexaminada.

Ao reanalisar a história a partir deste ponto de vista, vale a pena notar que os fundamentos de uma crítica da heterossexualidade enquanto «instituição política» já tinham tido estabelecidos no início da década de 70 por determinadas separatistas lésbicas nos Estados Unidos.¹ Mas o separatismo lésbico norte-americano não adoptou esta análise. Pelo contrário, o seu objectivo era desenvolver, no âmbito de um contexto essencialista, novos valores lésbicos no seio de comunidades lésbicas. Isto supunha, e supõe ainda, ignorar que a «heterossexualidade (...) só pode assegurar o seu poder político destruindo ou negando o lesbianismo»². A existência de comunidades lésbicas é estrategicamente necessária. Porém, se não se inserirem no contexto de um movimento político que visa abolir o sistema heterossexual, passam a significar uma coisa totalmente diferente; trata-se então de criar uma «nova categoria». Mas só a destruição das categorias existentes pode desencadear uma verdadeira mudança. Foi isto que a obra de Monique Wittig nos fez compreender: não é uma questão de substituir «mulher» por «lésbica», mas sim de utilizar a nossa posição estratégica para destruir o sistema heterossexual. «Nós [lésbicas] (...) somos escravas fugidas (...) evadidas da nossa classe» (em «Ninguém Nasce Mulher»).

Esta frase crucial dá-nos a dimensão política do ponto de vista lésbico, e é preciso tê-la sempre em conta quando lemos Wittig.

Nos Estados Unidos, Adrienne Rich propôs uma análise feminista da heterossexualidade no seu ensaio de 1980 «Heterossexualidade Obrigatória e Existência Lésbica».³ Para Rich, a heterossexualidade é «algo que tem de ser imposto, gerido, organizado, propagandeado e mantido à força»⁴. Este texto apresenta a heterossexualidade como uma instituição política no seio do sistema patriarcal. Rich vê a existência lésbica como um acto de resistência a esta instituição, mas para que a «existência lésbica tome consciência desse conteúdo político de uma maneira fundamentalmente libertadora, a escolha erótica deve depender da identificação consciente como mulher e expandir-se nela»⁵. Rich analisa o conceito de heterossexualidade no âmbito da teoria feminista contemporânea a partir do «ponto de vista da mulher», ao passo que o lesbianismo radical abdica desse ponto de vista. Encara o lesbianismo como necessariamente político e põe-no à parte de todo o regime político heterossexual. Pois falar de «heterossexualidade obrigatória» é redundante.

«A consciência da opressão não é apenas uma reacção à (luta contra a) opressão. É também a total reavaliação conceptual do mundo social, a sua total reorganização com novos...» (em «Ninguém Nasce Mulher»). Para mim, isto

resume o trabalho de Monique Wittig. Foi através de grupos militantes que a conheci. O seu profundo respeito por cada indivíduo, o seu profundo desprezo por todas as formas de poder, alteraram para sempre o meu conceito de militância. E foi também através da sua escrita que compreendi a necessidade de alternar entre a teoria e a política. A luta política não pode ser concebida sem esta dinâmica e, à medida que a teoria se vai transformando, temos também de transformar a nossa luta política. Este é um desafio que exige vigilância constante e uma vontade permanente de reconsiderar as nossas acções e as nossas posições políticas. É neste sentido que deve ser entendido o questionamento do movimento feminista pelas lésbicas radicais.

«Temos de operar uma transformação política dos conceitos-chave, ou seja, dos conceitos que são estratégicos para nós» (em «O Pensamento *Straight*»). Ao não questionar o regime político heterossexual, o feminismo contemporâneo propõe a reorganização e não a eliminação desse sistema. Do mesmo modo, parece-me que o desenvolvimento contemporâneo da noção de «género» mascara ou camufla as relações de opressão. Muitas vezes, o «género», mesmo quando tenta descrever as relações sociais entre homens e mulheres, permite-nos ignorar, ou diminuir, a noção de «classes de sexo», despojando assim estas relações da sua dimensão política.

Gostaria de mencionar aqui um dos elementos críticos do pensamento de Wittig, resumido na seguinte frase: «Um texto de um escritor minoritário só é eficaz se conseguir universalizar o ponto de vista da minoria» (em «O Universal e o Particular»). Isto exemplifica a extraordinária eficácia de Wittig. Ao reivindicar o ponto de vista lésbico como universal, ela subverte os conceitos a que estamos habituados. É que, até agora, os escritores das minorias tinham de acrescentar «o universal» aos seus pontos de vista se quisessem alcançar a universalidade incontestada da classe dominante. Os homossexuais, por exemplo, sempre se definiram como uma minoria e nunca questionaram, apesar da sua transgressão, a escolha dominante. É por isso que a cultura homossexual teve sempre um público bastante amplo. O pensamento lésbico de Wittig não pretende transgredir, mas antes eliminar as categorias de género e de sexo sobre as quais assenta a própria noção de universalidade. «Os sexos (o género), a diferença entre os sexos, o homem, a mulher, a raça, o preto, o branco, a natureza estão no âmago do seu conjunto de parâmetros [do pensamento *straight*]. E moldaram os nossos conceitos, as nossas leis, as nossas instituições, a nossa história, as nossas culturas» (em «Homo Sum»). Reexaminar os parâmetros sobre os quais se funda o pensamento universal requer uma reavaliação de todas as ferramentas básicas

LOUISE TURCOTTE

de análise, incluindo a dialéctica. Não para a descartar, mas para a tornar mais eficaz.

O trabalho de Monique Wittig é a exemplificação perfeita da ligação entre política e teoria. Demasiadas vezes, encaramos estes dois elementos fundamentais como entidades separadas; de um lado está o trabalho teórico e do outro o político, operando em paralelo, quando, na verdade, deveriam intersectar-se. Este encontro entre a teoria e a política é fundamental para toda a luta política, e é precisamente o que torna o pensamento de Wittig tão inquietante. O consenso teórico exige a luta política. Quando se alcança o consenso teórico, o curso da história já foi abalado.

LOUISE TURCOTTE
Membro do colectivo fundador de
Amazonas de ontem, Lésbicas de hoje